

Álvaro de Campos

## **PASSAGEM DAS HORAS [e]**

### PASSAGEM DAS HORAS

Nada me prende, a nada me ligo, a nada pertença.  
Todas as sensações me tomam e nenhuma fica.  
Sou mais variado que uma multidão de acaso,  
Sou mais diverso que o universo espontâneo,  
Todas as épocas me pertencem um momento,  
Todas as almas um momento tiveram seu lugar em mim.  
Fluido de intuições, rio de supor-mas,  
Sempre ondas sucessivas,  
Sempre o mar — agora desconhecendo-se  
Sempre separando-se de mim, indefinidamente.

Ó cais onde eu embarque definitivamente para a Verdade,  
Ó barco com capitão e marinheiros, visível no símbolo,  
Ó águas plácidas, como as de um rio que há, no crepúsculo  
Em que me sonho possível —  
Onde estais que seja um lugar, quando sois que seja uma hora?  
Quero partir e encontrar-me,  
Quero voltar a saber de onde,  
Como quem volta ao lar, como quem torna a ser social,  
Como quem ainda é amado na aldeia antiga,  
Como quem roça pela infância morta em cada pedra de muro,  
E vê abertos em frente os eternos campos de outrora  
E a saudade como uma canção de mãe a embalar flutua  
Na tragédia de já ser passado,  
Ó terras ao sul, conterrâneas, locais e vizinhas!  
Ó linha dos horizontes, parada nos meus olhos,  
Que tumulto de vento próximo me é ainda distante,  
E como oscilas no que eu vejo, de aqui!

Merda p'rá vida!

Ter profissão pesa aos ombros como um fardo pago,  
Ter deveres estagna,  
Ter moral apaga,  
Ter a revolta contra deveres e a revolta contra a moral,  
Vive na rua sem siso.

10-4-1923

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 46.